

SOPRO DO SILENCIO



ANTÓNIO
FARIA

CURADORIA
ISABEL CALADO
EMÍLIA FERREIRA

Não conheço nada menos vazio que o silêncio.
O silêncio não se enche de coisas.
O silêncio não se deixa ocupar com vozes alheias.
O silêncio não cede ao ruído.
Nem à guerra, nem à paz.
Apenas à vida que nasce e se manifesta.
Quando o presentes, entregas-te à sua quietude,
porque sabes que aí se inicia um movimento irresistível,
dir-se-ia um sopro, onde tudo pode acontecer.

EXPOSIÇÃO

de 05 de outubro a 06 de novembro

Inauguração da exposição, dia 05 de outubro, às 17h

O SOPRO DO SILÊNCIO

Não conheço nada menos vazio que o silêncio. O silêncio não se enche de coisas. O silêncio não se deixa ocupar com vozes alheias. O silêncio não cede ao ruído. Nem à guerra, nem à paz. Apenas à vida que nasce e se manifesta. Quando o presentes, entregas-te à sua quietude, porque sabes que aí se inicia um movimento irresistível, dir-se-ia um sopro, onde tudo pode acontecer.

Se esperam, ao visitar esta exposição, que vão encontrar florestas e naturalismos, desiludam-se. Não é isso que ANTÓNIO FARIA pinta. O que vão ver é o movimento interno do silêncio, raramente quieto e sempre promissor.

É claro que este movimento tem cúmplices lá fora, e talvez em algum momento a voz visual do artista ecoe nos segredos da floresta. Mas isso já não é com ele. Quando muito a floresta deixou um vestígio na memória deste silêncio, que é outro, e na alma e gestos deste outro criador, para quem a natureza é sempre, isso sim, natureza morta. E ainda assim still life.

Se ambicionam, ao visitar esta exposição, achar conceitos e interpretações atrás das formas e das cores que, como um corpo em expansão, invadiram a virgindade da tela, melhor será que desistam dessa inquirição e antes reanimem a vossa pele, para que esteja porosa e fresca, aberta a uma experiência inaugural.

Peço-vos ainda que deixem lá fora a contemplação. Essa foi/é a atitude espetatorial associada à honrosa tradição clássica do paisagismo e particularmente cara ao gosto burguês. Porque não há nada de bucólico nem de metafísico nestas telas, onde, de resto, faltam céus.

Permitam-se antes ter uma experiência de participação física, mais que uma experiência mental. E esqueçam por momentos as palavras, e sobretudo os clichés, inimigos da arte. Ignorem mesmo as ideias do texto que estão a ler e sejam bem-vindos ao SOPRO DO SILÊNCIO.

THE BREATH OF SILENCE

I know nothing less empty than silence. Silence is not full of stuff. There are no strangers' voices inside silence. Silence makes no shrill noise. It makes not war nor peace. Silence only welcomes forthcoming and unveiled life. When you feel it, you surrender to its stillness because you know that a resistless movement begins there, you might say a breath, where anything can happen.

If you expect, when visiting this exhibition, that you will find forests and naturalisms, you will be disappointed. This is not what ANTÓNIO FARIA paints. Otherwise you will see the inner movement of silence, rarely quiet and always promising.

Certainly this movement has its allies out there, and perhaps somewhere the artist's visual voice will make echo among the forest secrets. But about that we know nothing from here. At most, the forest left a trace in the memory of this particular silence, the one living in the soul and gestures of this other creator, for whom nature is always dead. Or, let us say it more properly, for whom it is still life.

If, when visiting the exhibition, you want to find concepts and interpretations behind these shapes and colors that, like an expanding body, invaded the canvas' virginity, it would be better for you to give up this inquiry and rather refresh your skin, to make it wishful and porous, open to an inaugural experience.

I also ask you to leave contemplation outside. This was/is the spectatorial attitude associated with the honorable classical tradition of landscaping and particularly dear to the bourgeois taste. Because there is nothing bucolic or metaphysical in these canvases, where, furthermore, skies are lacking.

Instead, allow yourself to have a physical participating experience rather than a mental one. And, for a moment, forget words and above all clichés, which are enemies of art. Ignore even the ideas of the text you are just reading and welcome to BREATH OF SILENCE.

Isabel Calado

FICHA TÉCNICA

Parceria

MNAC | ESEC

Coorganização

Centro Cultural Penedo da Saudade - IPC

Curadoria

Isabel Calado

Emília Ferreira